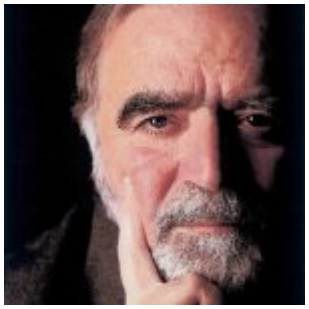
MANUEL ALEGRE

(1936-)



Embora Manuel Alegre seja mais conhecido do grande público pela sua personalidade política, não se deve negligenciar a sua faceta literária, expressa em mais de cinquenta obras publicadas entre os anos ‘60 e o presente. Nascido em Águeda, em 1936, estudou Direito na Universidade de Coimbra, onde foi um ativo dirigente estudantil. Após um breve serviço militar marcado por tentativas de rebelião, foi preso pela PIDE em 1963 e forçado a sair do país em 1964. Regressou a Portugal de um exílio em Argel dias após o 25 de Abril de 1974 e, desde então, tornou-se um importante membro do Partido Socialista e um influente político. Ao longo da sua atividade literária, recebeu inúmeros prémios, nomeadamente o Prémio Pessoa (1999) e o Prémio Camões (2017).

Manuel Alegre escreve, acima de tudo, sobre Portugal e sobre Lisboa. No discurso de agradecimento pela medalha de honra da cidade de Lisboa, afirma: “Sou de Lisboa há séculos, desde o início da extraordinária aventura das navegações, em que, pelo mar fora, fomos Europa antes da Europa o ser” (2016: s/p). No entanto, devido à sua vocação política, a palavra *Europa* está presente na sua poesia, implícita ou explicitamente, desde o início, unindo-se às noções de *exílio* e *fronteira*. Numa primeira fase, coincidente com a publicação de *O Canto e as Armas*, a sua poesia retrata o “Lusíada exilado” (2009a: 158), a “Pátria expatriada” (152) e “Paris que não rima com o [s]eu país” (143), estando sempre presente o conceito de distância, que parece uma fronteira mais psicológica do que física. Numa segunda fase, principalmente após a entrada de Portugal na C.E.E. em 1986, a Europa torna-se uma temática constante, culminando como principal objeto de crítica no seu livro *Bairro*

*Ocidental*, publicado em 2015. Assim, segundo Margarida Calafate Ribeiro, a poesia de Manuel Alegre é marcada pela "afirmação da nossa relação distante e problemática com a Europa" (2009: 45).

Em 1970, no livro *O Canto e as Armas*, Alegre afirma que "Portugal já não é português […] // Pátria exportada: Império novo / ou cemitério? / Império da miséria o quinto império / E o estrangeiro é meu povo" (2009a: 152), apenas para rematar que a Europa, um conceito ainda alheio aos portugueses oprimidos pela ditadura, é "uma palavra que se aprende viajando-a / é o metro de Paris pela tristeza acima / Europa é este verso que não rima / com meu país à noite no metro de Paris" (145). Ou seja, o poeta associa a palavra «Europa» ao exílio que milhares de portugueses sofrem na pele, agregando-a à ideia de tristeza. A Europa é um local de refúgio para esses emigrantes à procura de melhores condições de vida. Contudo, como Alegre assevera, não passa de um "cemitério" onde se vive a "dor por ministério", isto é, uma "pátria exportada" (152); já Portugal é uma "fronteira violada" (144). Nesta primeira fase da sua obra, a fronteira parece ocupar o pensamento dos portugueses exilados – e a fronteira entre a Europa e a nação amada é uma realidade que leva o Homem a ficar "cortado ao meio entre um país e o longe" (*ibidem*). Ainda num processo de transição, o poeta associa a letra «e» às "longas estranhas estradas / da palavra Europa" e à "época / de uma letra expatriada / […] em que se escrevia / com seis espinhos / a palavra exílio" (246), antecipando a crescente industrialização europeia, embora o exílio ainda esteja muito presente na sua memória.

A partir da publicação de *Atlântico*, em 1981, Alegre menciona os meses em que "[s]e vesti[u] de Europa e solidão" (323). Para o poeta, a Europa reduz-se às "Cidades gares aeroportos rios", numa "geografia da tristeza" (*ibidem*). A Europa passa a ser associada à solidão e à vida moderna dos "comboios elétricos", das "multid[ões]" e do "metro" (386), continente do qual o poeta apenas deseja, tal como Rimbaud, "água dum tanque" (326). Em *Babilónia*, publicação de 1983, Alegre pensa na revolução e na guerra, definindo-se como o produto de uma "geração [que] nasceu da guerra" numa Europa que anoitece perante uma "desolada paisagem interior" (386). A Europa é o reflexo de um tempo de «paz podre»

perante um muro de Berlim, uma Guerra Fria e uma evolução tecnológica e científica – e o poeta espera o dito "inesperado" (387) para o futuro enquanto a Europa anoitece. Nesta obra, Alegre olha ainda para "a Europa de cimento armado" (414), em que a natureza dá lugar ao urbanismo e ao consumismo que consome a alma do ser humano, num "tempo d[o] facto e d[a] notícia" (416). Para Alegre, esta é a era do petróleo e da efemeridade, que se sobrepõem a Dante, à natureza e até à humanidade: um tempo de bárbaros. Possivelmente, "Ouvi dizer que os Bárbaros" é o poema mais crítico desta segunda fase literária e dialoga com o poema de Konstantínos Kaváfis "À espera dos Bárbaros"; todavia, os *bárbaros* de Alegre são os europeus consumistas da década de 80. Em 1984, na obra *Chegar Aqui*, persiste uma dúvida em relação ao futuro desta Europa, que se reflete em "Eis as manhãs que já não cantam", sendo que o poeta não esclarece a dúvida presente nesse poema, apenas alude à "degradação" da "cidade com seu rosto desolado" e à "perdição" (453) de uma época onde "não há lugar para a beleza" nem "tempo" (*ibidem*).

Em "Endechas ou canção da diferença", em diálogo com o poema de Camões, Alegre mostra que mudaram os padrões de beleza, mas também a própria conceção de Europa do século XVI até ao presente: "Antes de Bárbara Europa era tão pouca / Cativos somos nós Bárbara não." (2009b: 531). Além disso, enquanto Bárbara, a escrava, é livre no século XX, os europeus não o são – numa das primeiras reflexões sobre a falta de liberdade de alguns países da U.E. face aos outros mais poderosos. No ano seguinte, em 1993, Manuel Alegre publica *Sonetos do Obscuro Quê*, prosseguindo com a sua crença pessimista sobre o futuro da Europa: "Desprezo destruição desesperança / por toda a Europa a rosa assassinada" (547). Todos os poemas da segunda parte dessa obra evocam a Europa de diferentes maneiras, enfatizando a sua falta de liberdade: "O grande ziguezague" fala sobre a construção e a destruição do sonho igualitário russo; "A lira nos salgueiros" homenageia as vítimas das revoluções e os revolucionários, como Jean Moulin, Salvatore Quasimodo ou Federico García Lorca, e faz luto pela poesia; "A carga polaca" menciona o destino amargo da Polónia; "Resistência" apela à mudança e à revolução, contudo, expõe a "desinfecção: metáfora da Europa", criticando o velho continente que pretende expurgar os migrantes, os pobres e as minorias (548).

Ainda no livro *Sonetos do Obscuro Quê*, o poeta evoca Herberto Helder, cuja "metáfora cosmopolita / era a Europa", onde até "Coimbra era uma Europa loucamente / tocada por um ritmo por um rito" (553). Em "A fala", Alegre diz que é "de uma Europa de periferia", opondo a *especificidade da língua portuguesa*, marcada pela importância do Atlântico e pela memória dos Descobrimentos, à *especificidade europeia*. Enquanto nos Descobrimentos Portugal estava no centro da Europa, agora não passa da periferia. Em edições posteriores, o último verso do poema torna-se "E Europa que não mais mestre não mais", exaltando a esperança que sente em relação ao futuro do seu país e preferindo isolar-se da Europa do século XX, uma "Europa do avesso" que se desagregou do sonho e da poesia (542).

Cerca de quinze anos depois, Manuel Alegre volta a escrever explicitamente sobre a Europa em *Sete Partidas*. Os tempos mudaram, a obra situa-se em pleno século XXI, a atualidade continua a fazer parte da poesia do poeta, que reflete sobre a Europa e sobre o seu passado: "Em Lisboa assina-se um tratado mas agora / Europa já não é o umbigo do mundo / o vasto mundo global" (817), opondo o Portugal do século XIV que já existia "quando a Europa começa[va] a ser Europa" (814) ao Portugal que assina o Tratado de Lisboa em 2007 com os outros membros da União Europeia. Este Portugal precisa de uma reforma urgente promovendo a metrópole, a economia e o estudo, tal como D. Pedro tinha feito no século XV ao conceder ao infante D. Henrique a exploração do mar.

Já em *Bairro Ocidental*, o poeta vai mais longe: "[Portugal] foi Europa antes de Europa o ser" durante o período dos Descobrimentos, onde o país era uma "Nau Nação" que foi "Aquela que se fez para fora / e se perdeu para dentro"; "Sem ela nós não somos nada / não mais do que um bairro perdido a Ocidente" (2015: 11). Isto é, Portugal superiorizou-se face à Europa quinhentista, enfraquecendo depois devido a acontecimentos como a dinastia filipina, o ultimato inglês de 1890 ou a ditadura; porém, sem essa superioridade originada pelos Descobrimentos, o país não seria senão um *bairro perdido a Ocidente*. Portugal deixou-se dominar pela cultura e pela economia europeia. Os europeus, "missionários da nova fé / com seus mercados sobre os nossos ombros / e seus discursos de sílabas pontiagudas" (12) que "cortam isto e aquilo e sobretudo / cortam em nós" (16-17) instauram uma nova ordem

económica, transformando os portugueses em “estatísticas”, “défices de vida e de sonho”, “pecadores” a punir com regras e sermões (*ibidem*). Em “Cassandra e a Troika”, Alegre, através de uma alegoria satirizante, compara o mito de Cassandra à intervenção da Troika – cooperação entre três entidades europeias que instauraram medidas para resgatar Portugal da crise económica – equiparando a Troika ao cavalo de madeira usado para destruir Troia. O poeta reivindica o seu país em “Pátria minha”, abordando de novo a temática da falta de liberdade (“Entre nós e o futuro há arame farpado” (13), talvez numa glosa ao célebre poema de Cesariny) e as constantes subidas da taxa de juro, realidade económica num Portugal da primeira década do século XXI. A Europa é, aqui, “uma nau a chegar ao nunca visto […] / e o Mundo em tua boca” (14). O poema mais crítico talvez seja “Bairro ocidental”: “Na Eurolândia tudo é permitido / bruxela-se um país berlina-se outro / um dia ao acordares estás erodido” (18); a União Europeia é acusada de explorar as nações europeias e Portugal é “Um sítio à venda: Bairro Ocidental / Não já o rosto com que Europa fita / mas a teta dos juros e do capital / com sol prós velhos da Europa rica” (*ibidem*). Alegre vai mais longe: a U.E. proíbe o conceito de nação e quer suprimir as individualidades, mantendo tudo “Eurogrupado” (*ibidem*). Nostálgico, o poeta diz “não sei ser europeu sem Portugal” (*ibidem*). Por fim, remata com a sua ideia de Europa naquele instante: “Caíram folhas pelas ruas da Europa / E o vento a varrer as folhas” (47), concluindo que o tempo não para e que a Europa vai evoluindo ao longo do tempo. Perante tal mundo cosmopolita, prefere refugiar-se na natureza e no passado.

Em suma, a conceção sobre a Europa na obra poética de Manuel é negativa e pessimista do início ao fim; e contudo é também evolutiva: é associada à tristeza, à saudade e à solidão do exílio, torna-se depois fruto de um mundo cosmopolita e tecnológico que negligencia a natureza, a cultura e a alma humana, e culmina num espaço atual e efémero, hegemónico, que exerce poder sobre os mais fracos e os vê como estatística, praticando a corrupção e a supressão do individualismo. A sua poesia é altamente influenciada pelos acontecimentos da atualidade e pela importância do passado e da mitologia, criando uma descrição multifacetada e talvez até contraditória do velho continente.

**Lista de poemas sobre a Europa**

“I: Uma fronteira é um rio entre um país e o longe”, *O Canto e as Armas* (1970)

“Pátria exportada”, *O Canto e as Armas* (1970)

“6: Minha vida batida pelos meses”, *Atlântico* (1981)

“9: Minha vida batida pelos meses”, *Atlântico* (1981)

“1. Sob as pedras”, *Babilónia* (1983)

“3. Ouvi dizer que os Bárbaros”, *Babilónia* (1983)

“I: 1. Eis as manhãs que já não cantam”, *Chegar Aqui* (1984)

“II: A lira nos salgueiros”, *Sonetos do Obscuro Quê* (1993)

“II: Resistência”, *Sonetos do Obscuro Quê* (1993)

“IX: A fala”, *Sonetos do Obscuro Quê* (1993)

“9: Em Lisboa assina-se um tratado mas agora”, *Sete Partidas* (2008)

“Flor de la Mar”, *Bairro Ocidental* (2015)

“Arte de pontaria”, *Bairro Ocidental* (2015)

“Pátria minha”, *Bairro Ocidental* (2015)

“Cassandra e a Troika”, *Bairro Ocidental* (2015)

“Resgate”, *Bairro Ocidental* (2015)

“Bairro ocidental”, *Bairro Ocidental* (2015)

**Antologia breve**

**I**

Uma fronteira é um rio entre um país e o longe

Eu já passei fronteiras que ficavam

entre guitarra e noite. Entre ternura

e mágoa.

[…]

Europa é uma palavra que se aprende viajando-a

é o metro de Paris pela tristeza acima

Europa é este verso que não rima

com meu país à noite no metro de Paris.

in *Obra Poética*, vol. I (2009: 144-145)

**6**

Minha vida batida pelos meses

eu me vesti de Europa e solidão.

Havia grandes ventos grandes chuvas

de Lausana a Genebra ouvi a música

dos comboios da Europa: ó solidão

[…]

Cidades gares aeroportos rios

ó geografia da tristeza: Europa

Europa. Eu vi a cor da solidão.

E havia grandes ventos grandes chuvas.

in Obra *Poética*, vol. I (2009: 323)

3. **Ouvi dizer que os Bárbaros**

Este é tempo de facto e de notícia.

Não ouves o rumor do acontecer?

A fonte do petróleo (diz-se) vai secar

verás a Europa à luz de uma candeia

verás a giesta e a catedral

a flor e a pedra

a breve eternidade dentro do efémero.

[…]

in *Obra Poética*, vol. I (2009: 416)

**A fala**

Sou de uma Europa de periferia

na minha língua há o estilo manuelino

cada verso é uma outra geografia

aqui vai-se a Camões e é um destino.

[…]

Verás na minha língua a outra margem.

Os símbolos os ritmos os sinais.

E as naus ligeiras que não mais não mais.

in Obra *Poética*, vol. II (2009: 578-579)

**9**

Em Lisboa assina-se um tratado mas agora

Europa já não é o umbigo do mundo

o vasto mundo global e em toda a parte o mesmo

à mesma hora nos telejornais.

[…]

in *Obra Poética*, vol. II (2009: 817)

***Bairro ocidental***

Na Eurolândia tudo é permitido

bruxela-se um país berlina-se outro

um dia ao acordares estás eurodido

e o teu país efemizado é só um couto.

Um sítio à venda: Bairro Ocidental.

Não já o rosto com que Europa fita

mas a teta dos juros e do capital

com sol prós velhos da Europa rica.

Não digas pátria: essa palavra está malvista

proibida pelo Império Orçamental.

Eurogrupado: tu e os maus da fita

filhos do Sul e do pecado original.

Letra a letra outra Europa aqui foi escrita

canto a canto com sílabas de sal.

Desculpem se não estou de alma contrita

não sei ser europeu sem Portugal.

in *Bairro Ociental* (2015: 18)

**Bibliografia ativa selecionada**

ALEGRE, Manuel (2016), "Sou de Lisboa há séculos", discurso de agradecimento a Fernando Medina após ser distinguido com a medalha de honra de Lisboa, Lisboa: s/p. Obtido de http://www.manuelalegre.com/301000/1/003313,000018/index.htm (acesso em 11 de novembro de 2018).

— (2015), *Bairro Ocidental*, Lisboa, Publicações Dom Quixote.

— (2009a), *Poesia (1960-1990)*, vol. I, Lisboa, Publicações Dom Quixote.

— (2009b), *Poesia (1992-2008)*, vol. II, Lisboa, Publicações Dom Quixote.

**Bibliografia crítica selecionada**

RIBEIRO, Margarida Calafate (2009), "O fim da excepção atlântica e a descolonização da Europa", *Colóquio Letras*, nº 170: 41-50; disponível em

https://estudogeral.uc.pt/bitstream/10316/79355/1/O%20fim%20da%20excep%c3%a7%c3%a3o%20atl%c3%a2ntica%20e%20a%20descoloniza%c3%a7%c3%a3o%20da%20Europa.pdf (acesso em 11 de novembro de 2018).

**Mariana Capinha Silva**

**Como citar este verbete:**
SILVA, Mariana Capinha (2018), “Manuel Alegre”, in *A Europa face à Europa: poetas escrevem a Europa*. ISBN 978-989-99999-1-6.
https://aeuropafaceaeuropa.ilcml.com/pt/verbetes/manuel-alegre